

O objeto da pulsão

Marcus do Rio Teixeira

Dentre os conceitos elaborados por Lacan, o objeto *a* talvez seja o que apresenta a maior dificuldade na sua definição, uma vez que na sua vertente real ele não faz parte do campo das percepções, não é um objeto da realidade. Comentei em outro lugar¹ a dificuldade de colocar em palavras esse objeto que se furta à representação. Isso, porém, não deve nos desestimular a tentar discuti-lo, visto que, como Lacan faz questão de lembrar, ele não é “[...] incognoscível, já que falamos dele.”²

Para aqueles que começam a se aventurar por trilhas na selva teórica de Lacan, a primeira constatação é que existem diversos caminhos para se chegar ao mesmo conceito. De fato, ao longo do seu ensino encontramos diversas abordagens do objeto *a*, não excludentes, tampouco meramente complementares, mas todas, sem dúvida, de grande importância. É preciso evitar tomá-las como etapas de uma teorização que ao atingir o seu ápice tornaria supérfluas as abordagens mais antigas. Para o que aqui nos interessa, que é o estudo do corpo, da pulsão e do gozo, a via do objeto da pulsão é a que se oferece como a mais útil para cumprir o nosso objetivo.

Vazio, falta, furo

Veja por outra, ao lermos textos de autores que abordam o objeto *a*, nos deparamos com definições que o descrevem com uma série de termos aparentemente apresentados como sinônimos: vazio, falta, furo... O problema desse tipo de definição não é apenas a sua imprecisão, mas o fato de que tais termos, na acepção lacaniana – ou seja, exatamente aquela que aqui nos interessa – não são, de forma alguma, sinônimos, ainda que guardem uma relação. Conforme o comentário de Bernard Vandermersch: “Partamos do fato de que, no real considerado em si mesmo, nada falta. O vazio, se encontrado, não é uma falta, ele não se torna uma a não ser na medida em que um

¹ TEIXEIRA, M. do R. Objeto *a* – Invenção lacaniana. In: _____. *Vestígios do gozo*. Salvador: Ágalma/Campo Psicanalítico, 2014.

² LACAN, J. *O Seminário, Livro 10, a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 121.

significante o designe como falta de alguma coisa nesse lugar, isto é, um símbolo para designar essa ausência.”³

No *Seminário 4, A relação de objeto*, dedicado em grande parte ao tema da falta, Lacan apresenta seu célebre exemplo do livro na estante que “falta em seu lugar”. Com esse exemplo Lacan diz de forma muito clara que a falta pressupõe a presença de uma ordem simbólica sem a qual não haveria como conceber a ausência de algo. O objeto livro não está fisicamente ausente da estante, mas é designado como ausente devido ao fato de não constar em uma sequência. Tal sequência não é natural, ela é introduzida pelo simbólico, permitindo nomear uma falta. Lacan retoma esse tema em outras ocasiões, como no *Seminário 16, De um Outro ao outro*, o que demonstra – como se isso fosse necessário – que ele não o descartou, que não mudou de opinião a respeito.

Ora, como sublinhei em dado momento, toda evocação da falta supõe uma ordem simbólica.

Que é uma ordem simbólica? É mais do que apenas uma lei, é também uma acumulação, ainda por cima numerada. É uma ordenação.

Se definimos o real pela abolição pensada do material simbólico, nunca lhe pode faltar nada.⁴

Dito isto, vale ressaltar que ainda que a falta e o objeto *a* estejam relacionados, isso não permite dizer que “o objeto *a* é a falta”, como por vezes escutamos – ainda que Lacan, em alguns momentos, pareça fazer coincidir ambos. Essa afirmação confunde o caráter faltante do objeto com a própria falta em si. Ainda que guarde uma relação com a falta, o objeto *a* não se iguala, enquanto conceito, com a noção de falta na teoria de Lacan. Ao contrário, na sua vertente imaginária, o objeto *a* é o que o sujeito busca fisgar na tentativa de tamponar essa falta. O sujeito não poderia buscar a falta para preencher a falta.

Para abordar a relação entre objeto, falta, vazio e furo, proponho seguir a via do objeto no circuito pulsional tal como Lacan o teoriza no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Essa via, nos conduzirá, inevitavelmente, às questões relativas ao Outro e à constituição do sujeito, que são inseparáveis da gênese deste objeto. Isso nos dará a oportunidade de retomar alguns temas discutidos nas aulas anteriores.

³ VANDERMERSCH, B. Falta. In: CHEMAMA, R. e VANDERMERSCH, B. *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, p. 143-145. p. 143.

⁴ LACAN, J. *O Seminário, Livro 16, de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 286.

O objeto no circuito pulsional

Vimos como Lacan afirma que o objeto da pulsão na teoria freudiana coincide com o seu objeto *a*. Essa superposição de conceitos não é uma mera apropriação, mas uma escolha pensada de tomar o termo freudiano – melhor chamá-lo de *termo* do que de conceito – para afirmar que o seu conceito (dele, Lacan) vem definir rigorosamente aquilo que na teoria freudiana da pulsão aparece apenas esboçado. A teoria que ele elabora constitui a demonstração de que isso não era apenas uma pretensão.

Se acima foi dito que o objeto *a* não é simplesmente um sinônimo da falta, o melhor exemplo para nos ajudar a fazer essa distinção seria o objeto da pulsão. A seta curva com a qual Lacan ilustra o circuito pulsional no seu trajeto que contorna o objeto e retorna para a fonte [*Quelle*], representa muito bem esse movimento que parte da falta para tentar alcançar o objeto que supostamente poderia tamponá-la (e não para tentar alcançar a falta).

Ao falar sobre a diferença entre a satisfação pulsional e o autoerotismo, a primeira caracterizada pela participação do objeto e o segundo por dispensá-lo, Lacan fornece uma definição muito precisa do objeto *a*.

Em todo caso o que força a distinguir essa satisfação do puro e simples autoerotismo da zona erógena é esse objeto, que confundimos muito frequentemente com aquilo sobre o que a pulsão se refecha – este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo.⁵

O cavo é o oco, a concavidade, a moxa deixada no travesseiro pela cabeça que ali repousou (por sinal, a palavra *mossa* deriva do latim para *mordida*). Esse vazio que pode vir a ser ocupado por “não importa que objeto” é a melhor definição do objeto *a* enquanto vinculado a essa falta originária. No caso da pulsão, são as bordas em torno dos orifícios corporais que constituem a fonte da pulsão, as chamadas zonas erógenas. Lembro que quando estudamos o Estádio do Espelho⁶ vimos os comentários de Marie-Christine Laznik sobre a instauração do circuito pulsional e sobre o

⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1963-1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (2ª edição). p. 176.

⁶ Ver aula sobre “O corpo no Estádio do Espelho”. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1294/o-corpo-no-est%C3%A1dio-do-espelho-vers%C3%A3o-final.pdf>

papel da mãe no lugar do Outro primordial (que Freud chamou de *Nebenmensch*, o próximo assegurador) que investe libidinalmente o corpo do bebê e nele recorta as zonas erógenas.

Vejamos um comentário de outra autora que segue na mesma vertente:

Serge Leclair chama o dedo da mãe de “portador da letra”, pois inscreve o significante no corpo do futuro sujeito. Por isso, diz-se que a inscrição da letra no corpo é uma projeção de um outro corpo (no caso da mãe: seu sorriso, sua voz, seus beijos, etc.) sobre o local (pele, boca, olhos, etc., do bebê). É isto que faz a delimitação de uma zona erógena como um lugar de “pura diferença”, como dizia Lacan, e, antes dele, Saussure.⁷

Vimos o quanto essas zonas são fundamentais para o funcionamento tanto libidinal, quanto orgânico, do corpo, o quanto é essencial que este seja perfurado. A partir daí podemos compreender porque Charles Melman afirma: “Então, o que sustenta o corpo, o que faz sua consistência, é o esburacamento, é o fato de que ele seja esburacado.”⁸

Tais zonas pressupõem, cada uma, um determinado objeto. Esse objeto que a pulsão busca varia a depender de que zona se trata. Ora, há quem se confunda nesse ponto, achando que não se pode chamar de objeto *a* os objetos *pulsionais*, uma vez que estes seriam objetos tangíveis, enquanto o objeto *a* seria intangível, inalcançável, para sempre perdido, real – não no sentido do *real do corpo*, mas do registro do real como distinto da realidade material.

Melman define muito bem essa confusão:

Observemos que esses quatro objetos, as fezes, a placenta, a voz, o olhar, podem ser considerados como partes do corpo e, quanto à placenta e às fezes, como nomeadamente partes reais do corpo. [...] Mas que nos permite dizer que tais objetos bem reais são objetos “perdidos”? Qual é o sentido da relação desses objetos com essa qualidade particular que eles teriam de serem objetos perdidos? Pois afinal, a voz é eminentemente presente, do mesmo modo que o olhar. Bem! A placenta marcou o momento inicial da organização da vida, os excrementos, não se vê bem o que há de especialmente perdido... Então qual é o sentido de tal afirmação?

O sentido dessa afirmação prende-se ao seguinte: não há, na realidade, nenhum objeto que possa vir nos garantir quanto a uma conformidade dos desejos do sujeito com o Outro, pelo fato muito simples de que, se primordialmente a mãe veio encarnar esse Outro, trata-se de uma

⁷ VÍCTORA, L. Questões à topologia. In: *Correio da APPOA*, n° 209, *Topologia do Gozo I*, Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, janeiro 2012, p. 85-87. p. 87.

⁸ MELMAN, C. A questão do corpo em psicanálise. In: _____. *Formas clínicas da nova patologia mental e artigos inéditos*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2004. p. 122.

encarnação suficientemente transitória para nos lembrar que, no Outro, não há ninguém! Nem para nos atender, nem para nos prescrever ou designar o que seria esse objeto que assegurasse nossa conformidade com seu desejo.⁹

Lembremos que, segundo Lacan, esses objetos se constituem não como resultado de um desenvolvimento natural das fases da libido, como queriam os pós-freudianos, mas em consequência da relação do sujeito ao Outro primordial, encarnado pela mãe, e das viradas nas suas relações de demanda e desejo. São essas mudanças que perfuram o corpo do pequeno sujeito, que mordem – conforme a etimologia citada acima – esse corpo, criando as zonas erógenas. Mas, por ser uma relação transitória, como lembra Melman, a harmonia entre o objeto e o Outro não se sustenta.

Por que a mãe é um Outro para o filho? Porque é dela que ele recebe sua mensagem e, portanto, ele a coloca no lugar do Outro. E se o filho evoca, por muito tempo, a saudade desse fato, é porque este imagina ter com o Outro uma relação perfeita, bem-sucedida. Ele lhe dá o que a mãe quer, o que ela pede, há assim uma cumplicidade que se estabelece entre a mãe e o filho, que deixa saudade de uma época na qual o sujeito realizou o essencial de seu voto – quer dizer, o acordo com o Outro – e vai guardar sempre saudade disso.¹⁰

O Outro primordial (*Nebenmensch*), o sujeito e o objeto

Marie-Christine Laznik, ao comentar o terceiro tempo do circuito pulsional, aquele que Freud denomina de passivo, lembra que Lacan ressaltou a atividade do bebê com a expressão “se fazer”.

Vimos como a passividade do bebê neste terceiro tempo é apenas aparente. É muito ativamente que ele vai *se fazer comer* por esse outro sujeito para o qual ele *se faz*, ele próprio, objeto. E nós vimos como esse assujeitamento visa fisgar o gozo desse Outro. É voluntariamente que o inscrevemos aqui com letra maiúscula. O bebê vai à pesca do gozo de sua mãe, enquanto ela representa para ele o Outro primordial, provedor dos significantes.¹¹

Esse jogo no qual o bebê se oferece como objeto ao gozo do Outro e goza, ele próprio, nesse processo, é o que faz Melman brincar dizendo que: “(...) nunca se salienta o fato de que, apesar de

⁹ MELMAN, C. *Para introduzir à psicanálise nos dias de hoje*. Porto Alegre: CMC, 2009. p. 86.

¹⁰ MELMAN, C. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC, 2003. p. 47.

¹¹ LAZNIK, M.-C. Podemos falar numa prevenção da síndrome autística? In: _____. *A voz da sereia – o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (textos compilados por WANDERLEY, D.). Salvador: Ágalma, 2013 (3ª Ed.). p. 28.

tudo, me perdoem, espero não ofender ninguém, mas, a primeira pedófila... é a mãe.”¹² O que, evidentemente, é uma provocação, porque ele sabe que ao mesmo tempo em que propicia o gozo, a mãe veicula o seu limite.

Ainda é preciso que a mãe, saboreando esse gozo, saiba rapidamente privar-se dele dizendo a seu bebê que não deve excitar-se tanto e que papai – ou qualquer outro terceiro que vier à cabeça da mãe – não estaria de acordo. Por meio desta privação de gozo que a mãe se impõe, ela significa a seu bebê que ela mesma está submetida à lei, marcada pela castração, pela falta.¹³

Desse modo, a falta primordial é a falta daquela que ocupa o lugar do Outro, o que é uma maneira de figurar o Outro barrado, que aprendemos a representar com a letra \bar{A} . É também uma outra forma de demonstrar o que Lacan já frisava desde os anos 50, relendo Freud: que a castração que importa de fato é a castração da mãe. O objeto que o bebê cede a esse Outro para tentar preencher a sua falta é a libra de carne arrancada do seu corpo – achado feliz de Lacan na obra de Shakespeare – e sua perda constituirá, a partir de então, o motor de uma busca incessante.

Dito isto, quero lembrar que vez por outra me deparo com leituras da teoria lacaniana que afirmam ser incorreto situar a mãe (ou quem se ocupa dos cuidados maternos) enquanto Outro com “O” maiúsculo, uma vez que o grande Outro seria imaterial, puro lugar, relativo ao campo da linguagem, etc., a referência ao pai e à mãe sendo um clichê freudiano ultrapassado.

Tal leitura supõe que a relação do sujeito por advir a esse Outro poderia se dar sem a mediação de um pequeno outro que ocupe o seu lugar. O fato de nascer imerso no “banho da linguagem” não significa que o filhote do homem possa ter uma relação direta com o campo da linguagem, sem passar pelas falas concretas daqueles que o rodeiam. Isso seria uma visão metafísica da teoria psicanalítica.

Para quem possa achar que a opinião contrária se resume aos autores citados, trago uma citação de outra autora muito conhecida: “Quando nos referimos à demanda e ao desejo do Outro na psicanálise, pensamos primeiramente na mãe, no educador, em todos esses Outros em carne e osso que articularam um discurso em torno da criança.”¹⁴

Da próxima vez prosseguiremos na abordagem do objeto com ênfase na sua relação ao gozo e à relação sexual.

¹² MELMAN, C. *Novas formas clínicas...* op. cit., p. 126.

¹³ LAZNIK, M.-C. A voz como primeiro objeto da pulsão oral. In: _____. *A voz da sereia...* op. cit., p. 80.

¹⁴ SOLER, C. *L'en-corps du sujet. Cours 2001-2002*. Paris (sem indicação editorial). Aula de 06/03/2002. (tradução para uso interno: Graça Pamplona).

